


COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA ALTERNATIVA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NÃO VERBAIS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.643132408115>

Data de aceite: 14/11/2024

Emanuele Pianelli Caetano Pereira

Marina Carvalho Puerta

Jovana Henrique Cecílio Ferraz

RESUMO: O estudo aborda o aumento de casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a consequente inclusão de estudantes com TEA em instituições de ensino regular e especial. A pesquisa destaca a importância da Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) como uma solução eficaz para alunos que não utilizam a linguagem verbal ou enfrentam dificuldades nessa área. O objetivo central do estudo é examinar a efetividade das abordagens da CAA no suporte ao progresso educacional de crianças com TEA, demonstrando sua relevância e viabilidade no contexto escolar. A metodologia utilizada foi descritiva, com coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa, visando investigar o impacto dos métodos de CAA no progresso educacional dessas crianças. O artigo é dividido em três partes: introdução ao TEA e seus níveis de suporte, descrição da CAA como campo de estudo e intervenção, e explicação do Sistema de Comunicação por Troca de Figuras como método específico para autistas. Como resultado, a CAA é evidenciada como

uma abordagem terapêutica que facilita a comunicação funcional e promove métodos educacionais eficazes, capacitando educadores a interagir com estudantes com dificuldades de comunicação, respeitando as particularidades de cada aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolar. Sistema de Comunicação por Troca de Figuras. Dificuldades de comunicação. Ensino regular e especial. Abordagem terapêutica.

ALTERNATIVE AUGMENTATIVE COMMUNICATION FOR CHILDREN WITH NON-VERBAL AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT: The study addresses the increase in cases of Autism Spectrum Disorder (ASD) and the consequent inclusion of students with ASD in regular and special education institutions. The research highlights the importance of Alternative Augmentative Communication (AAC) as an effective solution for students who do not use verbal language or face difficulties in this area. The central objective of the study is to examine the effectiveness of AAC approaches in supporting the educational progress of children with ASD, demonstrating their relevance and feasibility in the school context. The methodology used was descriptive, with data collection through bibliographical research and a

qualitative approach, aiming to investigate the impact of AAC methods on the educational progress of these children. The article is divided into three parts: introduction to ASD and its levels of support, description of AAC as a field of study and intervention, and explanation of the Picture Exchange Communication System as a specific method for autistic people. As a result, AAC is evidenced as a therapeutic approach that facilitates functional communication and promotes effective educational methods, enabling educators to interact with students with communication difficulties, respecting the particularities of each student.

KEYWORDS: School inclusion. Picture Exchange Communication System. Communication difficulties. Regular and special education. Therapeutic approach.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do aumento de diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista e conseqüentemente o aumento de alunos com TEA matriculados em escolas de ensino regular e especial. Na maioria das vezes as escolas e professores não estão preparados para lidarem com este público, nem mesmo conhecem estratégias e alternativas para trabalharem de maneira com que todos sejam incluídos no ambiente educacional (OLIVEIRA, 2018).

Dessa maneira, a comunicação alternativa é uma possibilidade eficaz não somente para alunos não verbais, mas também para aqueles que possuem algum tipo de dificuldade nessa área. Então, como as crianças com Transtornos do Espectro Autista podem se beneficiar de métodos da comunicação alternativa no ambiente escolar?

No presente trabalho, como objetivo geral, busca-se analisar o uso dos métodos da comunicação alternativa no apoio ao desenvolvimento educacional de crianças com TEA. Além disso, demonstrar que a comunicação alternativa é possível e de grande importância no ambiente escolar; apresentar como ela pode ser usada em sala de aula; e por fim, promover a inclusão dos sujeitos no meio social em que estão inseridos como escola, comunidade e família, garantindo que as necessidades de comunicação sejam atendidas.

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) a comunicação é um direito humano básico e fundamental, e o acesso a métodos de comunicação eficazes é imprescindível para garantir que todas as crianças, independentemente de suas habilidades, possam expressar suas necessidades, desejos e pensamentos. Entretanto, a inclusão efetiva não pode ser alcançada sem ferramentas de comunicação adequadas que auxiliem às necessidades específicas das crianças com TEA. É necessário compreender e aperfeiçoar os métodos de comunicação alternativa para assim promover a igualdade de oportunidades educacionais e para a construção de uma sociedade mais inclusiva (ONU, 1945).

Escrever sobre este tema é fundamental por várias razões. A comunicação é essencial para a inclusão de alunos com TEA no ambiente educacional. Explorar formas alternativas de comunicação pode ajudar a garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, sendo que cada aluno é único e pode ter diferentes necessidades de comunicação. Portanto, é importante buscar uma variedade de estratégias e ferramentas de comunicação alternativa para atender às necessidades individuais de cada aluno.

Nesse sentido, para muitos alunos com TEA, a linguagem pode ser um desafio. A comunicação alternativa pode ser uma ferramenta importante para apoiar o desenvolvimento da linguagem e ajudar esses alunos a se comunicarem de maneira eficaz, permitindo-lhes expressar suas necessidades, desejos e pensamentos de forma independente e autônoma.

Há também uma crescente base de evidências científicas que apoiam o uso de estratégias de comunicação alternativa para alunos com TEA. Escrever sobre esse tema pode ajudar a disseminar informações baseadas em evidências e promover práticas educacionais eficazes. Em resumo, escrever sobre a comunicação alternativa para alunos que possuem TEA é importante para promover a inclusão, atender às necessidades individuais dos alunos, apoiar o desenvolvimento da linguagem, promover a autonomia, melhorar a qualidade de vida e promover práticas educacionais baseadas em evidências (MENDES, 2016).

O tipo de pesquisa utilizada no presente artigo foi descritiva em relação aos objetivos. Já os procedimentos para coleta de dados, aconteceram através de pesquisas bibliográficas, com abordagem qualitativa, buscando analisar a eficácia dos métodos da comunicação alternativa no desenvolvimento educacional de crianças com TEA.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Segundo o DSM 5 (2014) o Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do desenvolvimento neurológico e pode estar presente desde o início da infância. Se trata de dificuldades na reciprocidade socioemocional, apresentando redução de interesses, emoções ou afeto, déficits nos comportamentos comunicativos, pouco contato visual, ausência de expressões faciais, dificuldade para iniciar e manter relacionamentos, dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos e ausência de interesse pelas outras pessoas (DSM 5, 2014).

Já a definição de Autismo para o CID 10, consiste em um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade dos três anos; anormalidade do funcionamento em cada um dos três domínios: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo (CID 10, 2021).

A palavra Autismo foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra Bleuler, no início do século XX, para caracterizar um sintoma que ele julgou ser secundário da esquizofrenia. Bleuler utilizou-se da palavra Autos, de origem grega que significa “si mesma”, fazendo alusão aos tipos de esquizofrênicos “que vivem num mundo muito pessoal e deixam de lado qualquer outro contato com o mundo” (BETTELHEIM, 1987 apud COELHO).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem como principais manifestações a presença de déficits persistentes na comunicação e interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de interesses e comportamentos (SANTOS & BORDINI, 2020).

Em relação à classificação, o Autismo é observado através de níveis de suporte, como sendo nível 1, 2 e 3. No nível 1 (Exigindo apoio) os déficits na comunicação social causam prejuízos significativos, além de dificuldade e interesse reduzido por interações sociais. Um exemplo disso é quando uma pessoa que consegue se comunicar, embora apresente pequenas falhas na conversação e as tentativas de fazer amizades são um pouco estranhas (DSM 5, 2014).

Já no nível 2 (Exigindo apoio substancial) há déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em iniciar interações sociais. Um exemplo é quando uma pessoa que fala frases simples e apresenta comunicação não verbal fortemente (DSM 5, 2014).

Por outro lado, o nível 3 (Exigindo apoio muito substancial) dispõe de déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, grande limitação em dar início a interações sociais. Um exemplo desse nível é uma pessoa com pouca comunicação ou mesmo nenhuma, raramente inicia as interações e, quando isso acontece, possui abordagens incomuns, reagindo somente a abordagens sociais muito diretas (DSM 5, 2014).

Segundo o DSM V (2014), para diagnosticar uma criança com autismo é necessário atender aos critérios A, B, C e D. No critério A, contém os déficits persistentes na comunicação e na interação social em vários contextos, expressando simultaneamente três déficits: déficits na reciprocidade social e emocional. Esse critério é observado nas interações de iniciar e manter conversas, ter interesse nos pares e brincar de acordo com a idade, não identificar expressões do outro ou ler o ambiente.

Déficits nos comportamentos de comunicação não-verbal usado em comunicação social (comunicação verbal e não-verbal através de anormalidades no contato visual e linguagem corporal, déficits na compreensão, total ausência de expressões faciais ou gestos). Déficit no desenvolvimento e manutenção adequada do desenvolvimento das relações (dificuldade em manter um comportamento adequado aos diferentes contextos sociais, nos jogos imaginativos, aparente falta de interesse em outras pessoas) (DSM 5, 2014).

Já no critério B o que está incluso são os padrões de comportamento e interesses restritos e atividades repetitivas que ocorrem em pelo menos dois dos seguintes: fala, movimentos estereotipados/repetitivos ou manipulação de objetos; rotinas de fixação excessiva, padrões ritualizados do comportamento verbal e não-verbal, ou resistência excessiva à mudança; interesses de intensidade altamente restrita e excessiva; hiper ou hipo reatividade ao interesse sensorial ou incomum nos aspectos sensoriais do ambiente, aparente indiferença à dor, calor, frio, adverso a sons ou texturas específicas, olfato ou toque exacerbado, fascínio com luzes ou estímulos com objetos que rolam (DSM 5, 2014).

Por outro lado, no critério C os sintomas devem estar presentes na primeira infância, podendo não chegar a manifestar-se completamente até demandas sociais excederem as capacidades limitadas. Ou seja, é possível que os familiares não identifiquem critérios diagnósticos a princípio, mas com o aumento das demandas sociais, como ir para a escola, passam a observar dificuldades da criança interagir. E por fim o critério D que contém combinação de sintomas com a deficiência para o funcionamento diário (DSM 5, 2014).

Dessa maneira, diversos estudos científicos mostram que quanto mais precocemente a criança com TEA for encaminhada e avaliada de forma adequada, melhores poderão ser suas oportunidades de intervenção e de desenvolvimento. Este fato está diretamente relacionado à neuroplasticidade ao longo da primeira infância. Portanto, quanto mais precoce a intervenção, melhores os resultados para a criança e para sua família (BRITO, 2017).

As ações realizadas por profissionais da saúde e educação que atuam com os TEA podem englobar desde a identificação de sinais precoces de risco, intervenção terapêutica e educacional, orientações e parceria com pais e professores e encaminhamentos para outros profissionais quando necessário. A avaliação e intervenção deve ser preferencialmente multiprofissional e interdisciplinar, em que fonoaudiólogo, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, professor/pedagogo e outros profissionais possam atuar conjuntamente. O diagnóstico formal (laudo médico) é emitido por profissionais médicos, geralmente neuropediatra ou psiquiatra infantil e também por psicólogos recentemente (BRITO, 2017).

A literatura também relata que não há um tipo de escola específica e apropriada para pessoas com TEA. Algumas têm um bom desempenho nas escolas regulares, enquanto outras têm um melhor desenvolvimento em escolas especiais, isso varia de criança para criança (KLIN, 2006; WING, 1981, apud BRITO, 2017). Entretanto, a escola representa o compromisso de atender a diversidade humana, o que inclui as adaptações necessárias para que todos os alunos tenham o acesso à educação garantido. Além disso, a escola é um ambiente social importante, o qual promove o desenvolvimento socioemocional da criança (GARCIA; BACARIN; LEONARDO, 2018).

Segundo Favoretto e Lamônica (2014) as adaptações utilizadas por professores no ensino de crianças autistas favorecem a aprendizagem. Para os autores, é fundamental que a equipe pedagógica tenha conhecimento a respeito do espectro, tendo apoio dos profissionais envolvidos na intervenção do aluno para que de fato o ensino seja individualizado e que alcance o potencial do aprendiz. As estratégias devem favorecer a inclusão do aluno em sala de aula com os demais colegas (FAVORETTO; LAMÔNICA, 2014).

Nesse sentido, Favoretto e Lamônica (2014) evidenciam a necessidade da capacitação dos professores e da equipe pedagógica para identificar e realizar as adaptações necessárias. A Comunicação Alternativa representa uma adaptação muito importante no ambiente escolar, uma vez que favorece o aprendizado e as interações sociais dos alunos. Quando a criança se comunica, ela acessa conhecimento, explora o mundo e se desenvolve (TOGASHI; WALTER, 2016).

COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA ALTERNATIVA

O surgimento da linguagem marca o desenvolvimento cognitivo e social da infância. Embora a criança em desenvolvimento típico não fale durante o primeiro ano de vida, sua interação com objetos e com os outros é fundamental para o desenvolvimento da mesma. A criança com TEA pode não desenvolver a palavra falada, mas cerca dos um ano e seis meses a dois anos pode ser que as pequenas conquistas se percam. Caracteristicamente, há uma tendência em algumas para repetir uma frase ou palavra exatamente como foi falada, chamada ecolalia. Mesmo quando a fala está desenvolvida, tem muitas vezes uma qualidade bastante afetada (COELHO, 2020).

Algumas crianças que possuem TEA apresentariam um padrão desordenado do desenvolvimento da comunicação com déficits no uso e compreensão de formas não-verbais, assim como uma amplitude limitada de comportamentos comunicativos não verbais, isto é, uso menos frequente de contato ocular, apontar e mostrar objetos (DSM 5, 2014).

Cerca de um terço das crianças acometidas pelo TEA são consideradas não verbais ou demonstram verbalização mínima. Portanto, essas crianças necessitam de um recurso comunicativo alternativo que permita a elas iniciar, sustentar e ampliar a situação dialógica e que de forma complementar considere as inabilidades de atenção compartilhada, direcionamento do olhar e a falta de intencionalidade (SANTOS & BORDINI, 2020).

Porém, apesar de inata e exclusiva ao ser humano, nem todos podem fazer uso da comunicação na sua plenitude. Nesse sentido, é possível diminuir a incapacidade em crianças com necessidades educativas especiais e suas implicações no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, por meio da Comunicação Alternativa, uma das categorias da Tecnologia Assistiva (PEREIRA, 2020).

Entende-se então que a Comunicação Alternativa, usada comumente desde 2007 como Comunicação Suplementar Alternativa, atua como ótima ferramenta alternativa para as pessoas com restrição de fala (FONSECA, 2017).

Dessa maneira, a CA deve ser divulgada e aplicada para ajudar as pessoas que foram suprimidas de suas habilidades de comunicação oral, mas nem por isso deixarão de ter sua autonomia. Na atualidade, tem muitas ferramentas que possibilitam o desenvolvimento da comunicação daqueles que possui o Transtorno do Espectro Autista. Essas deverão ser adaptadas às individualidades de cada criança, sempre buscando a eficiência de sua evolução e de sua família (JULIÃO, 2020).

Considerando a diversidade de desafios enfrentados por indivíduos com TEA, existem várias abordagens terapêuticas disponíveis, incluindo a utilização da Comunicação Alternativa. A CA consiste em uma esfera de estudo e intervenção clínica e educacional, que tem como objetivo ajudar a superar as dificuldades na compreensão e expressão, de forma temporária ou permanente.

O valor significativo da comunicação aumentativa alternativa reside na capacidade de permitir que pessoas que não falam ou que têm dificuldades na comunicação oral e escrita possam participar de interações, diálogos, fazer escolhas e construir conhecimento, promovendo assim uma verdadeira inclusão social. Para isso, pode-se identificar diferentes

formas de comunicação aumentativa alternativa. Um exemplo disso são os sistemas de comunicação não-verbal, que englobam uma variedade de formas de expressão por meio de símbolos que não envolvem a fala de fato (COELHO, 2020) .

Divide-se esses sistemas em duas categorias: sistemas de comunicação sem auxílio e sistemas de comunicação com auxílio. Os sistemas de comunicação sem auxílio não necessitam de nenhum instrumento externo para se realizar a comunicação, como gestos comuns de uso universal, códigos gestuais não linguísticos ou alfabeto manual (COELHO, 2020).

Por outro lado, os sistemas de comunicação com auxílio oferecem uma gama maior de elementos de representação, desde símbolos mais icônicos até representações mais complexas e abstratas. Estes sistemas, organizados por níveis de complexidade, incluem desde objetos, fotografias e desenhos representativos até sistemas compostos por desenhos lineares, como os pictogramas do Picsyms, do PIC e do PCS. Como a tecnologia está mais presente nos dias de hoje, as pranchas de comunicação em papel ou cartões estão sendo modificados por recursos computadorizados, utilizando tablets e jogos tecnológicos na maioria das vezes (COELHO, 2020)

SISTEMA DE COMUNICAÇÃO POR TROCA DE FIGURAS (PECS)

Um dos métodos que emprega a Comunicação Aumentativa Alternativa para aprimorar a interação em pessoas com Transtorno do Espectro Autista é o PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) que se utiliza de trocas de imagens, cartões de comunicação, nos quais o indivíduo pode solicitar o cartão de acordo com sua necessidade, seja ela relacionada a um objeto, ação, emoção ou sensações que facilitam a comunicação com a outra pessoa (PEREIRA, 2020).

Atualmente, o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) é amplamente adotado como um método de comunicação para crianças autistas que não conseguem se expressar verbalmente. Esse sistema utiliza imagens selecionadas de acordo com o vocabulário de cada indivíduo e promove não só a substituição da fala por figuras, mas também estimula a expressão de necessidades e desejos (SANTOS & BORDINI, 2020).

Esse sistema foi desenvolvido nos Estados Unidos por Bondy e Frost para crianças com TEA e com limitação grave na comunicação oral. Descrito em fases, originalmente em sete, atualmente em seis e adaptado para cinco fases a fim de potencializar as habilidades linguísticas de indivíduos com TEA. Essas fases possuem um objetivo específico que quando alcançado permite ao usuário progredir para as fases seguintes (BONDY, 1994).

Na fase 1, há a troca do cartão com imagens pelo item desejado, enquanto na fase 2, há a generalização da troca de cartões com diferentes parceiros e ambientes. A fase 3 divide-se em A e B, estimulando-se, na fase A, a discriminação dos cartões e, na fase B, a diminuição dos cartões. Na fase 4, já é estimulada a estruturação de frases mais simples, composta por desejos e informação de sentimentos. Por fim, na fase 5, há a elaboração mais complexa das sentenças, diversificando o vocabulário e os conceitos (PEREIRA, 2020).

O Programa de Comunicação por Troca de Figuras é uma forma alternativa de interação que se baseia na troca de cartões com imagens, incentivando a comunicação verbal em todos os estágios do processo e tendo como principal objetivo a interação com os outros participantes (PEREIRA, 2020).

Por meio do uso do PECS, é possível melhorar a capacidade de comunicação de forma a torná-la mais eficaz. Comunicar de maneira funcional vai além das palavras faladas, sendo eficiente na interação social, possibilitando o diálogo por meio de recursos tecnológicos simples ou avançados, como tablets, aplicativos de comunicação e troca de imagens.

Desse modo, a criação de uma comunicação eficaz tem um impacto positivo no progresso geral e na qualidade de vida da criança com TEA, permitindo a independência, a liberdade de escolha e expressão. Além disso, pode melhorar a qualidade da educação, auxiliando no desenvolvimento cognitivo e na integração na escola, bem como no fortalecimento dos laços familiares. Nesse sentido, a Comunicação Alternativa pode ser um instrumento terapêutico para fomentar a comunicação eficaz, promovendo o desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança.

O treinamento do PECS ocorre em seis fases. Na fase I (Troca física: forma de comunicação), as crianças são incentivadas a usar cartões com a finalidade de solicitar seu desejo. Na fase II (Distância e perseverança), o objetivo é que as crianças entendam o sucesso e a importância de usar cartões e continuar a usá-los em qualquer situação que necessitem. Na fase III (Discriminação de figuras) a criança é encorajada a escolher uma só figura de várias opções. Ele deve reorganizar os cartões e entregar a pessoa que está se comunicando. Neste ponto a criança já consegue demonstrar suas habilidades por meio da seleção independente de seu reforçador (SANTOS & BORDINI, 2020)

Já na fase IV (estrutura da frase) os sujeitos aprendem a produzir frases com cartões que utilizam verbos (ex: querer) e características do objeto (ex: cor e tamanho). Por outro lado, na fase V (Responda o que você quer?) a criança é instigada a responder à pergunta anterior com os cartões. Na fase VI (Comentários) os indivíduos respondem perguntas como “O que você vê?”; “O que você está escutando?”; “O que é isso?”, comentando automaticamente situações/eventos usando frases simples com cartões, e é claro, incentivando sempre a fala (BONDY, 1994).

DISCUSSÕES

Enfatiza-se que as aptidões básicas que se mostram modificadas nos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista é a habilidade de se comunicar. Neste artigo em questão, foi adotada a Comunicação Alternativa (CA) como uma estratégia terapêutica com o intuito de proporcionar uma comunicação funcional, já que muitas crianças com TEA se comunicam e entendem melhor por meio de sistemas não verbais e, por isso, a CA surge como uma opção propícia para esse grupo de indivíduos.

No levantamento bibliográfico realizado por Mizael e Aiello, que buscou investigar o programa PECS, foi constatado um volume significativo de pesquisas que apontam a eficácia das intervenções com o uso do PECS na melhoria da comunicação funcional,

resultando no aumento de gestos, de vocalizações e até um aumento na produção da fala, além de incrementar o número de trocas de figuras de forma autônoma por parte das crianças (SANTOS; BORDINI, 2020).

Percebe-se que com as intervenções por meio da troca de figuras, ocorre uma leve diminuição na função comunicativa de solicitar objetos, o que pode ser explicado porque o vocabulário das crianças se expandiu, resultando em uma maior diversidade de dados comunicativos. Conforme o indivíduo se desenvolve em relação à linguagem, a interação social se amplia, surgindo outras demandas para além da simples solicitação de objetos, como compartilhar informações sobre pessoas, objetos ou situações, assim como narrar acontecimentos.

Como resultado da pesquisa realizada, é de grande significância que esse trabalho por meio da PECS deve ser continuado em casa, pois para se ter eficácia o mesmo deve acontecer em casa e na escola. Ou seja, quanto mais apresentar e trabalhar esse material com as crianças, mais reforçado será o comportamento desejado.

O reforçamento positivo é um dos principais métodos utilizados na análise do comportamento de Skinner para aumentar a frequência de um comportamento desejado. Quando um comportamento é seguido pela apresentação de um estímulo positivo ou recompensador, a probabilidade de que esse comportamento ocorra novamente no futuro aumenta. Por exemplo, um professor que dá um elogio a um aluno por completar sua lição de casa está utilizando o reforçamento positivo. O elogio atua como um estímulo positivo que reforça o comportamento de completar a lição de casa, tornando mais provável que o aluno repita esse comportamento no futuro (SKINNER, 1938).

O conceito de reforçamento positivo foi amplamente estudado e aplicado por B.F. Skinner, que demonstrou através de inúmeros experimentos que recompensas podem ser usadas para moldar comportamentos tanto em animais quanto em humanos. Skinner destacou que o reforçamento positivo é mais eficaz quando o reforço é contingente e imediato, ou seja, quando a recompensa é entregue logo após o comportamento desejado (SKINNER, 1938).

Em suma, o reforçamento positivo é uma ferramenta poderosa na modificação de comportamentos e tem sido aplicada com sucesso em diversos contextos, como na aplicação da PECS, a todo momento.

A comunicação alternativa é uma ferramenta importante para apoiar o desenvolvimento da linguagem e ajudar os alunos com dificuldades a se comunicarem de maneira eficaz, permitindo-lhes expressar suas necessidades, desejos e pensamentos de forma independente e autônoma.

Como resultados desse trabalho, busco ajudar a disseminar informações científicas sobre este tema tão importante e promover práticas educacionais eficazes, ensinando professores a lidar com alunos não verbais dentro da sala de aula. E talvez promover a inclusão, atendendo às necessidades individuais dos alunos e promovendo a autonomia e melhora na qualidade de vida (MENDES, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostrou-se, por conseguinte, que a utilização da Comunicação Alternativa (CA) é benéfico para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), principalmente não verbais, permitindo que elas desenvolvam suas habilidades de comunicação de forma sutil. Também é importante ressaltar que ao incentivar a comunicação funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista, possibilita uma melhoria na qualidade de vida, aumentando as oportunidades de inserção na sociedade e de progresso em diversas áreas da vida.

Nesse sentido, as pesquisas analisadas mostraram impactos favoráveis em relação à utilização da Comunicação Alternativa por alunos com Transtorno do Espectro Autista em instituições de ensino convencionais e especiais. Entre os benefícios observados estão a melhora na comunicação verbal dos estudantes, o aumento da interação entre colegas e entre professor-aluno, além da autonomia, organização das atividades escolares e maior participação em atividades pedagógicas.

Porém, indica-se que a Comunicação Alternativa ainda não é amplamente conhecida por muitos professores e outros profissionais da área da Educação. Diante disso, destaca-se a importância de investir na capacitação de educadores, para que estejam aptos a compreender a complexidade do autismo e a utilizar a CA de forma eficaz.

Portanto, percebe-se com base nas análises dos artigos, a importância significativa da Comunicação Alternativa para melhorar as habilidades de comunicação da criança com TEA ou demais limitações, devendo ser trabalhada não somente na escola, mas também em casa, reforçando e encorajando a fala, desenvolvendo a interação social, diminuindo comportamento de agressão ou comportamento inadequado, reduzindo agressividade e autoflagelação.

No entanto conclui-se que quando trabalhado quadro de rotina e antecipando as atividades de vida diária, dando previsibilidades, as ações desenvolvidas durante a aula ou em casa com a família, a criança com TEA tende a reduzir o estresse, ajudando a desenvolver a fala, incentivando o contato visual, diminuem os comportamentos desafiadores e agressivos, expressando seus desejos e emoções, contribuindo com a inclusão escolar.

Não se esgotam aqui, pesquisas referentes a Comunicação Alternativa, pois há muito para ser observado e estudado, para oportunizar uma comunicação inclusiva e funcional às crianças com limitações verbal.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Assembleia Geral da ONU. (1948). “Declaração Universal dos Direitos Humanos”

BRITO, MARIA CLAUDIA; **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do Espectro do Autismo**, instituto nacional saber autismo on-line, v. online, p. online-online, 2017.

Bondy, A. S., & Frost, L. A. (1994). The Picture Exchange Communication System. *Focus on Autistic Behavior*, 9(3), 1-19.

COELHO, Fábio. Academia do Autismo. Ebook Comunicação Alternativa no TEA. 2020.

FAVORETTO, N. C.; LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(1), 103-116, 2014.

GARCIA, R. A. B.; BACARIN, A. P. S., & LEONARDO, N. S. T. Acessibilidade e permanência na educação superior: percepção de estudantes com deficiência. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(spe), 33-40, 2018.

JULIÃO, Marinan G. de M.; MELO, Mayara MG; ENETÉRIO, Núbia Gonçalves da Paixão. **Autismo e a influência da comunicação aumentativa e alternativa**. 2020.

Mendes, E. G., & Cezar, A. G. (2016). O uso da Comunicação Alternativa para pessoas com TEA: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 22(1), 115-130. DOI: 10.1590/S1413-65382216000100008.

Fonseca, R. S. (2007). *Comunicação Suplementar e Alternativa: Conceitos, Modalidades e Aplicações*. São Paulo: Editora X.

Oliveira, L. V. & Silva, M. T. (2018). "Inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades." *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(4), 463-478.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE.OMS, classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. CID-10, 10ª.Revisão, São Paulo, OMS, 2000.

PASSERINO, Liliana Maria; BEZ, Maria Rosângela; VICARI, Rosa Maria. Formação de professores em comunicação alternativa para crianças com TEA: contextos em ação. *Revista Educação Especial*, p. 619-638, 2013.

Pereira, Erika Tamyres et al. Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. *CoDAS* [online]. 2020, v. 32, n. 06 [Acessado 12 Junho 2024], e20190167. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019167>>. Epub 13 Nov 2020. ISSN 2317-1782. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019167>.

ROSA, Valéria Ilsa; DA SILVA, Régio Pierre; AYMONE, José Luís Farinatti. Design inclusivo: processo de desenvolvimento de prancha de comunicação alternativa e aumentativa para crianças com transtorno do espectro do autismo utilizando realidade aumentada. *Design & Tecnologia*, v. 8, n. 15, p. 51-67, 2018.

SANTOS, Patricia de Almeida, BORDINI, Daniela. O impacto da implementação do Picture Exchange Communication System - PECS na compreensão de instruções em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo, 2020.

TOGASHI, C. M., & WALTER, C. C. de F.. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 22(3), 2016.

SKINNER, B.F. (1938). "The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis.